

A SEMANA – 161

John Gledson

A derrota das forças federalistas em Campo Osório, e a morte de Saldanha da Gama, foi um momento crucial. Já no dia 9 de julho discutem-se em Pelotas as condições de paz. Sente-se o antirrepublicanismo de Machado na admiração por Saldanha, apesar da tentativa de mediar as opiniões diferentes pela figura de Coriolano: a unanimidade estava longe de ser total. A venda de parte da Empresa Funerária por um preço alto é bom motivo para um comentário em tom humorístico e lúgubre sobre a morte e seus custos. Com toda probabilidade, é também mais uma lembrança do Encilhamento – “o ano terrível” do parágrafo final. Afinal, o conde de Herzberg era sócio-fundador do Jóquei Clube, origem da metáfora que deu nome ao *boom*.

O texto desta crônica está danificado no microfilme (parece haver um rasgão na folha de papel do jornal). Em vez de detalhar cada caso, decidimos, onde fosse necessário, valer-nos do texto de Aurélio, que sem dúvida leu o jornal em estado melhor.



A SEMANA

30 de junho de 1895

[Edição, apresentação e notas por John Gledson]

O destino, que conhece o desfecho de cada drama, sorri dos nossos cálculos, e choraria, se pudesse chorar, das previsões humanas. Quem volve os olhos atrás, até setembro de 1893, naquela manhã em que a cidade acordou com a notícia de que um almirante sublevara a esquadra, reconhece que estava longe de imaginar o desfecho de semelhante ato, dois anos depois, no Campo Osório. Outro almirante, tomando o comando da sublevação, foi perecer em combate na fronteira rio-grandense, e o que parecia um episódio curto da República, transformou-se em longo duelo, terrível e mortal.¹ Os acontecimentos levam os homens, como os ventos levam as folhas.

De Saldanha da Gama se pode dizer que, qualquer que seja o modo de julgar o último ato da sua vida, há um só parecer e sentimento a respeito do homem de guerra e do que ele pessoalmente valia. As folhas públicas de todos os matizes deram-lhe os funerais de Coriolano; os mais fortes adversários puderam dizer, como Tullus, pela língua de Shakespeare:

My rage is gone
And I am struck with sorrow...²

Mas, deixemos este assunto melancólico, para ir a outro não menos melancólico, é verdade, mas de outra melancolia. Muitas são as melancolias deste mundo. A de Saul

¹ Refere-se, claro, à Revolta da Armada, que eclodiu no dia 6 de setembro de 1893. Seus líderes foram o almirante Custódio José de Melo (1840-1902), e Luís Felipe de Saldanha da Gama (1846-1895), que entretanto não se juntou à revolta nos seus primórdios. Foi morto brutalmente (degolado e mutilado) na batalha de Campo Osório, no Rio Grande do Sul, onde fora juntar-se às tropas federalistas, em 24 de junho de 1895. Era militar de grande reputação, herói da Guerra do Paraguai. A notícia da sua morte chegou no dia 26. A *Gazeta* comenta o acontecimento com certo pesar, e respeito pelo morto; também diz “não falaremos daqueles que entenderam dever manifestar o seu modo de sentir bebendo champanhe e congratulando-se pelo fato [isto é, os florianistas e jacobinos]”. *O Paiz* limita-se às notícias, e à importância da morte de Saldanha, líder que revigorara a revolta no Sul.

² “Minha raiva sumiu / E fui golpeado pelo pesar.” Palavras do ato 5, cena 6, de *Coriolanus*, de Shakespeare. Coriolano, herói romano que se tinha aliado com os inimigos de Roma, os Volsci, é morto por estes, tendo cedido aos pedidos da mãe dele de não destruir a cidade de Roma. Tullus, ou Tullus Aufidius, é o chefe dos Volsci, que conspira contra ele, mas apesar de tudo admira seu rival.

não é a de Hamlet, a de Lamartine não é a de Musset.³ Talvez as nossas, leitor amigo, sejam diferentes uma da outra, e nesta variedade se pode dizer que está a graça do sentimento.

O Sr. conde de Herzberg, por exemplo, devia ser um homem melancólico, e talvez seja intensamente alegre.⁴ Não tenho a honra de conhecê-lo. Parece que a maior parte dos que travam relações com ele, fazem-no por toda a eternidade. Eu não cheguei ainda àquele apuro de maneiras que permite ser apresentado ao digno conde, nos seus próprios carros. Um coveiro de *Hamlet* diz que o ofício de coveiro é o mais fidalgo do mundo, por ter sido o ofício de Adão;⁵ mas é preciso lembrar que a Empresa Funerária não estava inventada, nem no tempo de Adão, nem sequer no de Hamlet.

Seja como for, o que é certo,⁶ é que a Empresa Funerária, por mais triste que possa ser, não é menos lucrativa. Nem há incompatibilidade entre a melancolia e o lucro; são dois fenômenos que se temperam e se completam. O poeta que comparou as lágrimas às pérolas (perdeu-se-lhe o nome, tantos são os inventores da comparação), mostrou clara e poeticamente que a riqueza pode ir com o desespero. Vamos agora ao ponto imediato e principal.

Anuncia-se que a seção da Empresa Funerária, que estava sob a direção do Sr. conde de Herzberg, foi vendida por duzentos e cinquenta contos. Quando li esta notícia, senti naturalmente aquele fenômeno que produzem todas as coisas boas deste mundo: veio-me água à boca. Depois a reflexão tomou conta de mim. Duzentos e cinquenta contos de réis! Uma seção da Empresa Funerária! Duzentos contos de réis para enterrar mortos...

³ Saul, rei de Israel, sofre de tristeza, ou melancolia, o que o faz procurar Davi, que com a sua música, afasta a depressão (ver Samuel 1, caps. 15 e 16); a melancolia de Hamlet provém, é claro, do assassinato do seu pai e do dever de vingá-lo. Os dois poetas românticos franceses, Alphonse de Lamartine (1790-1869) e Alfred de Musset (1810-1857) formam um contraste, o primeiro sendo mais convencionalmente romântico, enquanto o segundo tem uma veia humorística. Dos dois, não há dúvida sobre qual deles Machado gostava mais; Musset até influenciou no seu teatro.

⁴ O conde de Herzberg foi instrutor de cavalaria das forças imperiais, e um dos fundadores do Jockey Clube, que ainda hoje tem um prêmio com seu nome. Nasceu em Grunhubel, Alemanha, e era ex-major do exército prussiano. Não encontrei a notícia desta venda nos jornais; deles, sabe-se que o conde foi “administrador” da Empresa Funerária (que cuidava também de alguns hospícios). Deduz-se que uma parte da Empresa pertencia a ele. Parece que tinha sido monopólio durante o império, mas foi vendida nos primeiros meses da República. Herzberg participou do Encilhamento? Talvez fosse surpreendente que não participasse – certamente, o nome dele aparece como “suplente” no lançamento de uma empresa que parece típica do fenômeno: a “Companhia Industrial Santa Cruz”, com vistoso anúncio no *Jornal do Commercio* no dia 24 de fevereiro de 1891.

⁵ O coveiro no ato 5, cena 1, de *Hamlet*, critica os poderosos que podem fazer com que os suicidas sejam sepultados em terra sagrada. Segundo ele, todo mundo é igual, e “Não existe fidalgo antigo, senão jardineiros, fosseiros e coveiros. Eles mantêm a profissão de Adão.” [There is no ancient gentleman but gardeners, ditchers and grave-makers. They hold up Adam’s profession.”] A Bíblia nos diz (Gênesis 3:23) que Adão cavava a terra.

⁶ Esta vírgula, que está na *Gazeta*, foi omitida por Aurélio.

Muito se morre nesta vida, e especialmente nesta cidade.⁷ Não há, certamente, mais mortos que vivos, mas os mortos são muitos. Quanto às moléstias que os levam, crescendo com a civilização, fazem tão bem o seu ofício, que raro se dirá que matam de mentira. E tudo é preciso enterrar. Não chego a entender como outrora, e ainda neste século, chegavam as igrejas para guardar cadáveres.⁸ Os cemitérios vieram, cresceram, multiplicaram-se, e aí temos cinco ou seis dessas necrópoles, inclusive o cemitério dos ingleses, que eu já conhecia desde criança, como uma coisa muito particular.⁹ Dizia-se “o cemitério dos ingleses”, como se dizia a “constituição inglesa”, ou o “parlamento inglês” – uma instituição das ilhas britânicas.

Naturalmente, com o tempo foi-se morrendo mais, já pelas moléstias entradas, já pela população crescida, já pelos nascimentos novos.

A questão, porém, não é morrer. A questão é o preço por que se morre. Uma seção da Empresa Funerária que se pode vender por 250 contos de réis, prova que a morte no Rio de Janeiro não é mais barata que a vida. O pão é caro, mas o galão não o é menos; a carne e a belbutina correm parselhas. Os carros, que suponho constituem a seção vendida, têm o preço marcado nas colunas, nos dourados, nos animais, e parece que também no cocheiro. O chapéu deste é que é sempre o mesmo, chapéu de couro luzidio, ou matéria análoga, largo em umas cabeças, estreito em outras, pela razão talvez de que o desacordo da cabeça e do chapéu dá certo tom de melancolia ao cocheiro. Os animais variam, se o preço é magro ou gordo. Há casos em que se põe no cocheiro um pedaço de pano, casos em que não. Os anjinhos, salvo a substituição do preto pelo encarnado, são tratados com a mesma altura de preços e variação de esplendor e modéstia.

Se se morresse barato, valia a pena morrer. Comparativamente, entra-se na vida por menor preço do que se sai. É uma espécie de engodo, um convite em boas maneiras; chega-se à porta, dá-se uma pequena espórtula, entra-se e fica-se. Quando se trata de ir embora, acabada a festa, todas as portas estão tomadas, um guarda em pé, com a tabela dos preços na mão. Precisa-se saber, antes de tudo, qual é a classe em que o vivo quer ir a enterrar: “– Na minha classe; eu sou sapateiro.” O guarda sorri e responde: “– A morte não conhece classes sociais, não quer saber delas; príncipe ou sapateiro, pode ir em primeira ou terceira, uma vez que pague o preço, que é tanto.” Quem não iria como

⁷ O Rio de Janeiro tinha a reputação – justificada – de ser uma cidade insalubre e perigosa, em parte pelos surtos regulares de febre amarela, importada da África em 1850 (“as moléstias entradas”).

⁸ O primeiro cemitério “organizado em bases regulares” do Rio de Janeiro só abriu em 1839, na Praia de São Cristóvão. Só depois de 1850 os cemitérios desse tipo ficaram sendo a norma, quando o governo proibiu os enterramentos em igrejas, por motivo da primeira epidemia de febre amarela.

⁹ O Cemitério dos Ingleses, na Gamboa, foi estabelecido em terras cedidas pelo príncipe regente d. João em 1809, para que os ingleses protestantes pudessem ser sepultados separadamente. Fica perto do morro do Livramento, onde Machado nasceu e cresceu.

príncipe, se o preço fosse módico? Valia a pena de um sacrifício para ser príncipe, ainda na morte.

Não sei quem terá comprado a seção da Empresa Funerária; mas creiam que, se tivesse dinheiro, quem a comprava era eu. Para que lutar na vida, com a vida e pela vida, se a morte nos pode dar bons lucros? Vede quantas riquezas se fizeram e desfizeram no ano terrível e depois dele. Grande parte delas voltou ao seio da ilusão que as ajudou a nascer. Eram tudo obras da vida, mas a vida não é menos voraz que a morte, e devorou as mais pujantes. A morte, ao certo, com os seus carros e cocheiros, chapéu com fumo ou sem fumo, animais magros ou gordos, lutou contra os coches luxuosos da vida, as belas parelhas e as librés heráldicas, venceu-os a todos, e foi vendida por duzentos e cinquenta contos. Viva a morte! Pode não ser muito, mas é certo.

